

EXPOCOM - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO DO TRABALHO

INSCRIÇÃO	00180
INSTITUIÇÃO	Universidade Federal de Mato Grosso
CAMPUS	Cuiabá
CIDADE	Cuiabá
UF	MT
CATEGORIA	PT
MODALIDADE	PT06
TÍTULO	A construção da charge para denunciar a precarização da saúde
ESTUDANTE-LÍDER	Fernanda Cristina Ferreira Fidelis
CURSO ESTUDANTE-LÍDER	Comunicação Social com habilitação em Radialismo
COAUTOR(ES)/ ORIENTADOR(ES) CURSOS:	Tamires Ferreira Coêlho (Universidade Federal de Mato Grosso)

DESCRIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO:

A charge sobre a precarização da saúde foi desenvolvida para a edição de 2019/1 do SôFoca, jornal impresso feito na disciplina de Jornal Laboratório do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso em produção e circulação desde 1993, que tratou pela primeira vez do tema "saúde" em todas as suas matérias. Cada edição pode ser multitemática ou dedicada a um tema, tratado nas nove editoriais do jornal: política, entrevista e opinião, economia, ciência e sociedade, cultura, esporte, cidades, diversidade e judiciário. Dentro da discussão temática da edição, a charge, localizada abaixo do editorial e ao lado do expediente do jornal, em uma página considerada nobre e marcada pelos conteúdos de opinião, teve como principal objetivo evidenciar o problema da precarização e da falta de investimentos na saúde pública. Ela traz a figura do político que, diante da "saúde" doente, faz uma promessa pela sua melhora, mas com os dedos cruzados atrás das costas, onde o gesto não pode ser visto. Para isso, fez-se uso de ferramentas de estrutura plástica, como perspectiva, uso de símbolos, textura, figurino, e também ferramentas semânticas, que possibilitam o entendimento da crítica. José Marques de Melo, na obra "Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro" (Ed. Mantiqueira, 2003, p.167-168), conceitua a charge como "crítica humorística de um fato ou acontecimento específico. Reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do desenhista. Tanto pode se apresentar somente através de imagens quanto combinando imagem e texto (títulos, diálogos)". Diferente da ilustração e de outras formas de expressão visuais, que estão ligadas à representação ou exposição do conteúdo textual, esse gênero carrega abertamente a perspectiva crítica do desenhista diante de um fato ou acontecimento social e político, de forma a não se pretender neutra. A charge, através de sua estrutura, carrega uma mensagem própria que pode expandir o conteúdo de outros textos que compõem o jornal. Como observa Renato Ferreira, no artigo "A Charge como Ferramenta da Arte-Comunicação" (Panorama, 2011, p.75), o gênero "complementa o que os textos não conseguem traduzir, incluindo novos sentidos, mediados quase sempre pelo humor". O valor artístico-midiático e a potência transdisciplinar estão na "recorrência a elementos verbais e a construção de valores históricos e sociais [...] que utiliza o humor como ferramenta de orientação crítica e de protesto" (FERREIRA, 2011, p.74), desestabilizando sentidos. Tanto a chargista quanto o jornal que publica essa obra sugerem aos leitores um deslocamento da crítica aos problemas do Sistema Único de Saúde (SUS): o aspecto problemático deixa de estar no sistema em si e passa a ser a falta de verba destinada por parte de representantes políticos à saúde pública no país, se distanciando da cobertura jornalística (hegemônica) de saúde que costuma apostar no sensacionalismo. A compreensão da saúde, na charge, se distancia dos seus três principais sentidos atribuídos midiaticamente, segundo Caco Xavier, no texto "Mídia e saúde, saúde na mídia" (Mídia e saúde pública, 2003): nem é mercadoria, nem se restringe à cura de alguma doença, tampouco se limita a descobertas tecnológicas. A charge consolida o SUS como ator importante na sociedade brasileira, sobretudo quanto ao cuidado junto à população, reforçando o que é trazido em outras matérias do jornal laboratório, sobretudo na reportagem especial da edição, apesar de ele mesmo não ter os cuidados de que precisa. Vale destacar que "o conceito ampliado de saúde, para o qual o SUS volta todas as atenções, não chegou ao imaginário social, não foi apropriado pela sociedade" (XAVIER, 2003, p.44). Então, é importante que a produção comunicacional universitária aborde o tema do SUS e possibilite a expansão dessa discussão para fora dos muros da instituição, mobilizando, neste caso, sentidos compartilhados entre público e chargista.

DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS:

A partir da definição da temática da edição do SôFoca, foram pesquisadas charges já produzidas sobre “saúde”. Houve interesse pela produção de significados daquelas em que há o uso da personificação da cruz vermelha ligada à saúde. A charge se orientou pela representação de diversos signos incorporados no senso comum, inclusive junto ao público do jornal, para assegurar a eficácia do processo comunicativo. Foram consultadas obras sobre estratégias da produção de imagens, semiótica e produção do gênero charge. A oficina de Arthur Bilego no Intercom Centro-Oeste de 2019 (Charge enquanto gênero jornalístico: técnicas de criação e produção de sentidos em desenhos gráficos) também foi importante. Após pesquisar charges já produzidas sobre saúde, chegou-se às duas principais referências com personificação do símbolo da cruz vermelha. Além disso, foi percebida uma frequência no tema da precarização e abandono da saúde, o que influenciou no resultado da charge. Das referências, uma traz um político e outra um enfermeiro, que interagem diretamente com essa cruz, de forma a denunciar a relação direta entre o poder público e o atual estado do sistema de saúde, após o congelamento de gastos e diversos cortes no SUS. Ao mesmo tempo em que se nutre de uma novidade (políticas de congelamento de gastos) do presente e do repertório visual ligado à saúde, o que é pré-construído (a classe política mentirosa, o sucateamento da saúde por parte dos políticos) é trazido, de forma semelhante ao descrito por Bruno Dominguez (PPGICS, 2012) na dissertação “Charges e discurso: o episódio da febre amarela”. Foram pesquisados recursos que podem ser utilizados em charges, como o nariz grande do político, que tem a ver com a caricatura, gênero do retrato reconhecido pelo exagero de determinadas características de uma personalidade. O exagero do nariz foi mobilizado não para identificar um determinado político (representado na charge de costas, personificando toda uma classe política), mas para representar a mentira, associada no senso comum ao nariz grande justamente pela popularidade do romance “As aventuras de Pinóquio” (COLLODI, Giunti Marzocco, 1981). Características plásticas e textuais se vinculam em uma produção discursiva opinativa que ultrapassa o âmbito ilustrativo, já que o humor consegue protestar sem trazer necessariamente um discurso panfletário ou radical, conectando-se a valores presentes no contrato de leitura estabelecido junto a seu público, convertendo-se em um grande “editorial gráfico”, segundo Gilberto Maringoni (1996, Comunicação & Educação, p.86) em “Humor da charge política no jornal”. Para Eliseo Véron, no texto “El análisis del ‘Contrato de Lectura’, un nuevo método para los estudios de posicionamiento de los soportes de los media” (IREP, 1985), em um jornal impresso, assim como em qualquer construção discursiva, há estruturas enunciativas que compõem um contrato proposto aos leitores. Faz parte do contrato de um jornal laboratorial desafiar estereótipos da mídia hegemônica, ainda que se beneficie, na reportagem e na charge, da construção simbólica do senso comum para isso. O que é dito importa tanto quanto o silêncio (não dito). “A charge é também um dispositivo midiático que pode veicular uma informação ou um sentido que um texto isolado não alcançaria” (FERREIRA, 2011, p.80), concentrando-se em sentidos e acontecimentos políticos. Para Elza D’Athayde, na dissertação “Entre o dizer e o não-dizer: a charge política e a relação com o silêncio”, “o próprio fato de ocupar um espaço lúdico dentre os outros textos (editoriais, artigos de opinião, notícias, etc.), instituídos como sérios, já funciona como índice de deslocamento” (2010, UCPel p.99). Considerando-se a periodicidade e o grau de factualidade de um jornal laboratório semestral, Maringoni (1996, p.90) explica que há cartunistas que captam mais o espírito de uma época inteira do que o registro do fato do dia, tornando-se uma “crítica de costumes”, mais duradoura.

DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO:

Diante do tema “saúde”, a chargista teve total liberdade para a criação. O processo criativo se deu a partir de referências do trabalho outros chargistas que, principalmente, para apontar a direta relação entre o poder público e o sistema de saúde, optaram pela personificação do tema pelo seu símbolo convencional: a cruz vermelha. Considerando a veiculação tanto na versão digital quanto na impressão do jornal, a charge foi produzida em desenho digital de alta resolução em um tablet com caneta com níveis de pressão para telas sensíveis ao toque. O software escolhido para o desenvolvimento foi o Medibang, aplicativo para arte digital em camadas e pincéis que facilitam a produção, ferramentas que emulam os resultados do desenho tradicional. A partir da técnica de desenho sem pintura, buscou-se remeter ao rascunho, um desenho que ainda não foi terminado, para falar de um problema que está em processo, não se encerra temporalmente à época da publicação da charge. A única cor presente é o vermelho, que compõe os riscos alinhados em forma circular em torno do gesto de cruzar os dedos do político. “O vermelho pode ter conotações negativas, como símbolo de impureza, de violência e de pecado”, segundo Modesto Farina, Clotilde Perez e Dorinho Bastos em “Psicodinâmica das cores em comunicação” (2011, Blucher, p.99). A cor chama atenção para um elemento que poderia passar despercebido aos olhos, para ver algo que estaria em segundo plano, escondido, constituindo-se como ferramenta de denúncia social daquilo que é feito escondido, que não condiz com o discurso de necessidade de investimento na saúde. Na personificação da cruz vermelha (que não é colorida), alguns signos foram empregados para a leitura de um personagem que está doente ou acidentado. Alguns curativos estão espalhados em sua figura, e traços semelhantes ao jogo da velha representam a pele ralada, sujeira. O personagem ainda carrega um semblante triste e preocupado ao ouvir a fala do outro. O segundo personagem é identificável como um político pelo seu terno, essa informação é reforçada pela sua fala (mentirosa). Diante da saúde ele faz uma promessa: que serão feitos mais investimentos na área, mas constata-se que isso não será feito, por causa dos dedos cruzados. A charge remete às repetidas promessas de campanha em prol da saúde que são quebradas quando se alcança os altos cargos representativos da política brasileira. Para além do que é dito explicitamente, chama-se atenção para o silêncio e para a ausência de cor em boa parte da charge. “Desse modo, o traço, a imagem, a caricatura, também, e só significam, porque há silêncio, a matéria significativa por excelência, um continuum significativa. Isso vem demonstrar que há sentidos que só significam pelo silêncio, e não por palavras, ou seja, pode-se estar no sentido sem palavras e, nesse caso, a linguagem verbal deve ser pensada como excesso e não o silêncio como falta.” (D’ATHAYDE, 2010, UCPel, p.99). Desde o princípio, usando esses recursos, a charge busca trazer uma denúncia através do contexto da precarização da saúde e dos ataques por parte da classe política, parte disso presente nas reportagens da própria edição do SôFoca. Mesmo diante de todos os ataques e mentiras, o SUS sobrevive e faz muito pela população, tendo em vista o que é trazido no especial, na matéria sobre vacinas e outros temas abordados no jornal. A relação entre linhas, cores e formas se vincula à tensão e ao ritmo, de acordo com Justo Villafañe, em “Introdução à teoria da imagem” (2000, Pirâmide). A aparente leveza da imagem contrasta com a violência do ato retratado. A feição de tristeza da saúde confere uma carga dramática, remetendo ao cansaço, à desesperança. A falta de um cenário específico de fundo ajuda a ressaltar esse problema como constante, atemporal e generalizado, que atinge todos os espaços, historicamente, no Brasil.